

Experiências em espaços não formais: relações entre visitantes/experimento/monitor no projeto Caminhão com Ciência.

Mara E. Ruggiero de Guzzi¹ (PG)*, Flávio M. de Souza² (PG), Neurivaldo José de Guzzi Filho³ (PQ)

mara.ruggiero@ig.com.br

¹Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

²Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

³Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Palavras-Chave: *espaços não formais, monitor, densidade.*

Introdução

De locais de contemplação para ambientes interativos com atividades diversificadas, as mudanças dos objetivos e ações de Museus de Ciências tiveram acelerado crescimento nos últimos anos, o que motiva estudos das relações que ocorrem nos espaços não formais.

Pesquisadores discutem que os Museus de Ciência afastam-se de sua missão ao assumirem o papel educacional das escolas. Almeida destaca a necessidade de compreender o potencial dos Museus de ultrapassar a complementaridade da escola ao proporcionar experiências com objetos ocasionando motivação, curiosidade e questionamento dos alunos (ALMEIDA, 1997).

Este estudo analisou as interações entre visitantes e monitores com os experimentos do projeto Caminhão com Ciência: “Lâmpada de lava” e “Camada de líquidos” (MATEUS, 2001). Observações, filmagens e questionários possibilitaram avaliar as ações nos municípios de Itabuna, Itacaré e Itajuípe no estado da Bahia.

Resultados e Discussão

No experimento “Lâmpada de Lava” verificou-se grande interesse dos visitantes em reproduzir posteriormente o aparato, estimulados pelos aspectos lúdicos do experimento.



Figura 1: Experimento Lâmpada de Lava

Houve pouca iniciativa de interação livre com o experimento “Camada de Líquidos”, e atribuímos esta resistência ao fato de atividades desta natureza não fazerem parte do cotidiano do público da região de atuação do projeto Caminhão com Ciência, e estes receberem orientação no ensino formal a não tocar e explorar, mas apenas contemplar.

Nos dois experimentos ficou evidente a necessidade de reavaliar o diálogo entre monitor e visitante, pois os visitantes recorrem unicamente ao monitor, buscando a compreensão do fenômeno. Houve predomínio de explicações do conceito de densidade similares ao ensino tradicional, utilizando-se fórmulas e ocorrendo baixo nível de mediação.

Costa utiliza a denominação “explicadores” para analisar a postura dos monitores em espaços não formais: “Os explicadores não deveriam atuar como professores ou educadores, mas como alguém que ajuda a aprender. Deveriam motivar em vez de explicar, questionar em vez de responder, desafiar em vez de apresentar soluções (Costa, 2005).

Conclusões

Estão presentes nos experimentos propostos aspectos lúdicos que despertam a curiosidade e questionamento dos visitantes, verificando-se a necessidade de reavaliar os procedimentos adotados em relação ao discurso do monitor. Estes resultados são importantes para garantir que sejam preservadas as características de ação não formal do projeto Caminhão com Ciência, valorizando a aproximação do cidadão ao mundo da Ciência.

Agradecimentos

UESC, MCT, FAPESB, CNPQ.

ALMEIDA, A. M. Desafios da relação museu-escola.

Comunicação & Educação, v. 3, n.10, p. 50-56, 1997.

MATEUS, A. L. *Química na cabeça*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

COSTA, A. G. da. Os “Explicadores” devem explicar? *Journal of Science Communication*, n. 4, p. 28-31, 2005.